

O impacto do Brexit

Bem, eu percebi mal. Pensei que o povo britânico votaria para ficar na UE, mesmo que por pouco. Em vez disso, votaram por escassa margem a favor da sua saída. A taxa de participação de 72% foi muito superior à das últimas eleições gerais de Maio de 2015 (67%), que viram o Partido Conservador regressar por pouco ao poder com uma pequena maioria de apenas 12 lugares em relação a outros partidos. O primeiro-ministro David Cameron conseguiu chegar à vitória ao concordar em convocar um referendo sobre a adesão à UE. Isto enfraqueceu suficientemente o voto crescente do partido eurocéptico Independência do Reino Unido (UKIP), que tinha votado mais de 20% nas eleições europeias e locais. Ao concordar com um referendo, Cameron conseguiu reduzir a representação do UKIP a apenas um assento no parlamento.

Mas esta tática política saiu agora pela culatra. Cameron perdeu o referendo e anunciou que vai demitir-se e dar lugar a um líder pró-Brexit como PM para conduzir as difíceis e tortuosas negociações com os líderes da UE no Outono. Ganhar as eleições acabou por se revelar um cálice envenenado, como sugeri.

Parece que um número suficiente de eleitores acreditou nos argumentos dos conservadores pró-Brexit e do UKIP de que o que estava errado com as suas vidas era “demasiada imigração” e “demasiada regulamentação” por parte da UE (embora a Grã-Bretanha seja já a economia mais desregulamentada da OCDE). Não tinha nada a ver com a recessão capitalista global, a prolongada depressão que se seguiu e as políticas de austeridade do governo conservador.

Sim, muitos eleitores não engoliram os argumentos da imigração e da regulamentação; mas estes eram sobretudo os jovens; aqueles que viviam em zonas multiétnicas como Londres e Manchester e as famílias mais abastadas do sul urbano. Não

foram suficientes em comparação com aqueles que votaram a favor da saída. Eram mais velhos, viviam em pequenas cidades e vilas, principalmente no Norte ou no País de Gales, longe de Londres e da vista de quaisquer “imigrantes”, mas que foram os que mais sofreram com empregos mal remunerados, cortes no setor público, habitações degradadas e negligência geral.

Juntamente com estes estavam os elementos racistas obstinados das pequenas empresas pequeno-burguesas que nada ganham com o comércio da UE ou com a sua generosidade financeira. Eles acham que, de alguma forma, um regresso aos bons velhos tempos do imperialismo britânico por si só (“retomar o nosso país”) será melhor. Só que não o fará porque, parece muito provável que os escoceses, tendo rejeitado por pouco o apelo à sua própria independência em setembro de 2014, e que votaram fortemente para permanecer na UE, vão agora insistir em outra votação para deixar o Reino Unido e permanecer na UE como um Estado independente. Voltar aos bons velhos tempos do imperialismo britânico é mais provável que remonte ao tempo anterior à união de 1603, quando a Inglaterra/País de Gales e a Escócia tinham monarcas separados!

Então e agora? Bem, os mercados financeiros reagiram naturalmente com pânico, com o valor da libra esterlina a cair em relação ao dólar ao seu nível mais baixo desde 1985, aquando de (mais uma) crise petrolífera. Os preços das ações também caíram drasticamente. Mas esta é apenas uma reação chocada ao inesperado. A reação dos mercados financeiros nos próximos meses dependerá do andamento das negociações (que podem demorar dois anos ou mais!) e do que acontece com a economia do Reino Unido.

Em posts anteriores, salientei a opinião quase unânime dos economistas principais de que o Brexit iria prejudicar a economia do Reino Unido, tanto a curto como a longo prazo. A maioria dos economistas considera agora que o Reino Unido entrará em recessão antes do final do ano. Por quê? Afinal, com uma libra mais fraca, os exportadores britânicos poderão

competir em termos de preços nos mercados mundial e europeu. Certamente que isso irá reduzir o perigoso e grande déficit externo (atualmente de 7% do PIB) que o capitalismo britânico tem gerido com o resto do mundo. E o Banco de Inglaterra vai conceder tanto crédito como os bancos e as empresas quiserem e pode até reduzir as taxas de juro para zero para ajudar as famílias com as suas hipotecas e as empresas com as suas dívidas.

Bem, talvez – exceto que a história tenha mostrado que a desvalorização de uma moeda raramente é bem sucedida em reverter o crescimento econômico, a produtividade e até mesmo o comércio de um país. Já citei anteriormente como os keynesianos estavam errados quando calcularam que a desvalorização do peso na Argentina daria a volta a essa economia em 2001 – a Grande Recessão logo desmentiu essa afirmação.

E na Grande Recessão, o Reino Unido deixou cair dramaticamente a libra. Mas a recuperação das exportações permaneceu silenciosa e a recuperação da economia interna, impulsionada por taxas de juros baratas e um boom imobiliário, apenas levou a um maior déficit em conta corrente.

E este déficit tem de ser financiado por fluxos de capitais – estrangeiros que investem na indústria britânica; estrangeiros que compram acções de empresas britânicas e títulos do Estado; e que depositam dinheiro em bancos britânicos para ganhar juros ou reinvestir. Esse financiamento já tinha começado a secar com o medo do Brexit – agora o Brexit é uma realidade. A única forma de financiar o déficit será aumentando as taxas de juro dos depósitos e das obrigações e não reduzindo as taxas.

Mas o déficit externo pode realmente diminuir, não porque as exportações vão melhorar, mas porque as importações de bens e serviços estrangeiros vão diminuir. Isso porque se a economia britânica parar, as empresas e as famílias comprarão menos do exterior, especialmente porque os preços das importações

aumentarão com a queda da libra esterlina e a inflação poderá voltar. Isso irá espremer os rendimentos reais do agregado familiar britânico médio.

E os benefícios de uma libra mais fraca dependem também da demanda em outra parte do mundo. Se a economia da Zona Euro e dos EUA estiver em dificuldades, então os preços mais baixos podem ser insuficientes para levar a um grande aumento da procura de exportação do Reino Unido. Além disso, nos últimos anos, as exportações britânicas provaram ser bastante inelásticas. Os produtos britânicos tendem a ser bens e serviços de maior valor – menos sensíveis à mudança de preços do que as roupas manufaturadas.

E aqui está a verdadeira questão. A desvalorização só afeta realmente a demanda. O outro lado da equação é a oferta e a capacidade produtiva. A desvalorização não faz necessariamente nada para promover investimento e maior produtividade. Alguns até argumentam que a desvalorização pode reduzir o incentivo para ser eficiente porque você se torna competitivo sem o esforço de aumentar a produtividade. O que realmente importa é o que vai acontecer ao investimento empresarial e à rentabilidade.

Os custos de produção mais elevados das importações, a procura mais fraca a nível interno e externo são susceptíveis de desencorajar as empresas britânicas de investir no país e os investidores estrangeiros de intervir. E a rentabilidade global das empresas britânicas no final de 2015 ainda estava abaixo do pico de 1997, enquanto a rentabilidade no setor manufatureiro chave para as exportações foi metade da de 1997.

Se o Reino Unido entrar em recessão, a procura de exportações da UE (automóveis alemães, vinho francês, vestuário italiano, etc.) vai enfraquecer. Assim, uma recessão no Reino Unido poderá também fazer recuar a UE. E isto num ambiente em que o crescimento económico global abrandou para a sua taxa mais baixa desde o fim da Grande Recessão, em que o crescimento dos

lucros das empresas globais é nulo e o investimento empresarial está diminuindo em muitas economias.

O Brexit a longo prazo pode não fazer uma grande diferença para a saúde do capitalismo britânico, mas neste momento pode ajudar a acelerar uma nova recessão global. E isso teria um impacto muito maior nas vidas daqueles que votaram no Brexit do que os problemas percebidos de “superlotação” da imigração ou da regulamentação de Bruxelas.

Original:

<https://thenextrecession.wordpress.com/2016/06/24/the-impact-of-brexit/>